

01

Sandra de Deus em “Extensão universitária, trajetórias e desafios”

EDITORIAL / ENTREVISTA

SUMAYA GIAROLA CECILIO¹, SANDRA DE FÁTIMA BATISTA DE DEUS²

¹ (AUTOR CORRESPONDENTE) ENFERMEIRA. DOUTORA EM ENFERMAGEM PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. PROFESSOR ADJUNTO I DA FACULDADE CIÊNCIAS MÉDICAS DE MINAS GERAIS. E-MAIL: SUMAYA.CECILIO@CIENCIASMEDICASMG.EDU.BR

² PROFESSORA TITULAR DO DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO DA FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. DOUTORA EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL.

**AUTOR PARA CORRESPONDÊNCIA:
SUMAYA GIAROLA CECILIO – ALAMEDA EZEQUIEL DIAS, Nº 275, CENTRO – CEP: 30130-110 – BELO HORIZONTE, MG – BRASIL. (31) 3248-7100**

DECLARAÇÃO DA EXISTÊNCIA OU NÃO DE CONFLITO DE INTERESSE: NÃO HÁ CONFLITO DE INTERESSE.

Sandra de Deus in “University extension, trajectories and challenges”

INTRODUÇÃO

A Extensão Universitária tem sido, ao longo dos últimos anos, campo teórico e prático, de uma parcela da academia, que valoriza uma das dimensões do tripé constitucional Ensino-Pesquisa e Extensão. O percurso envolve o árduo trabalho de legitimar a extensão como uma potente via de formação cidadã dos profissionais das mais diferentes áreas do conhecimento e fortalecer a produção científica das Instituições de Ensino Superior (IES).

A trajetória de “tornar-se” extensionista é envolta por descobertas, das mais variadas, que se misturam a saberes rígidos normativos sobre legislações, resoluções e metas macropolíticas, e se desdobram em saberes filosóficos, sociais, culturais, éticos e estéticos. Nesse caminho, sem data marcada para a chegada, é preciso que o docente se dedique à leitura e interpretação de diferentes vias de conhecimento e se permita conectar com diferentes autores, estando aberto para (re)conhecer um mundo complexo e vulnerável, que está logo ali, bem ao lado.

Para além do aprendizado advindo da leitura literal, o docente aspirante a extensionista deve desenvolver a sua habilidade de aprender com os en-

contros - encontros com autores, alunos, lugares, comunidades, territórios, objetos, corpos, sentimentos. Tal exercício opera como um fio condutor para outros múltiplos encontros, que se implicam, se aproximam, se transformam.

Porém, ciente do embaraço que o início do diálogo com a extensão universitária pode causar nos docentes e colaboradores das IES, cabe a quem já iniciou a caminhada, lançar luz sobre reflexões pertinentes. Por isso, a Revista de Extensão e Educação em Saúde Ciências Médicas, optou por iniciar a relação com os seus leitores “marcando um encontro” com a autora Sandra de Deus - Jornalista, professora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pró-Reitora de Extensão desde 2012, ex-presidente do FORPROEX.

Sumaya Cecílio



[Sumaya] A senhora acompanha o desenvolvimento das atividades do FORPROEX desde a década de 1990. Foram muitos anos estudando e lutando pelos temas que são caros à Extensão. Após 31 anos, como avalia a sua trajetória?

[Sandra de Deus] *A trajetória do FORPROEX [eu] considero como fundamental para chegarmos até onde chegamos, não apenas na extensão universitária, mas da universidade brasileira como um todo. Veja que foi o FORPROEX que tensionou e acompanhou de perto todo o debate que vai culminar com a implantação das ações afirmativas nas universidades. Foi o FORPROEX que lutou, bravamente, para a implementação de verbas para a extensão universitária e, que durante um período precioso, foram de muita importância para o avanço da interação universidade/sociedade. [...] Fui presidente do Fórum e tenho muito orgulho de, juntamente com outros importantes companheiros, termos colocado à disposição da sociedade brasileira, a partir de 2012, a Política Nacional de Extensão.*

[Sumaya] Qual é a “situação”, se assim podemos chamar, da extensão brasileira, hoje, em 2022?

[Sandra de Deus] *Vivemos um momento muito especial pois estamos na pandemia e isto impede a presencialidade que é o nosso fazer, o olho no olho, o abraço apertado, as longas reuniões. Porém, foi por meio da extensão universitária que as universidades se apresentaram para a sociedade, quando, em março de 2020, todas as atividades foram paralisadas. **Lá esta-***

NA FOTO: PROFESSORA SANDRA DE DEUS

vam os extensionistas caçando alternativas, que em alguns momentos representavam a certeza de vida em meio ao caos. A caminhada não foi sem traumas, mas marcada por muitos questionamentos e dificuldades que beiravam ao assistencialismo e aumentavam a necessidade de compreender o papel formativo da extensão universitária, cujo foco é a formação do estudante, o compromisso social e o diálogo com os demais setores da sociedade. Paralelo a estas atividades emergenciais, foram surgindo muitos e importantes projetos no formato virtual, o que não significa que estamos atuando dentro da normalidade. Nossa normalidade é a presencialidade. Também foram e estão sendo realizados muitos debates, conferências e reuniões visando a implementação da curricularização. Nossos dirigentes estão com agendas sempre apertadas para levar a cada universidade um debate mais efetivo sobre a implementação dos 10% de créditos de extensão em todos os cursos de graduação.

[Sumaya] Quais as conquistas, para as IES, com a curricularização da extensão?

[Sandra de Deus] Um novo ensino! A curricularização [da extensão] representa uma profunda reforma curricular permitindo uma formação mais apropriada para a realidade da Nação que vivemos. As mudanças propostas, contidas na curricularização da extensão, ou seja, a inserção de créditos de extensão em todos os cursos de graduação, exigem uma construção na base do diálogo, não uma ação fechada de um grupo de notáveis. Não é simplesmente fazer adaptação curricular para dar conta da legislação, como incluir uma nova disciplina que trate de extensão. A proposta é cur-

ricularização da extensão e não “disciplinarização” da extensão. É pensar currículos que representem os novos atores sociais e as mudanças ocorridas na sociedade.

[Sumaya] Na Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais (FCM-MG), nós iniciamos a curricularização da extensão, formalmente, em 2020. De lá para cá foram muitas as transformações e, também, desafios. Em alguns momentos, percebo os docentes e técnicos ainda angustiados com as bases epistemológicas dentro da extensão. O que a senhora acredita que não pode, de modo algum, deixar de ser estudado pelos aspirantes a extensionistas?

[Sandra de Deus] São muitos os desafios impostos pela sociedade brasileira. Como parte estruturante destes desafios, desta nova realidade [que é a curricularização da extensão] estão os olhares sobre uma sociedade heterogênea e desigual, especialmente no que se refere à raça, gênero e classe. Negros, pobres, indígenas e mulheres ainda aparecem na parte inferior de toda e qualquer escala que formos adotar; mulheres e homens do campo, que lutam organizadamente são vistos como parte de movimentos radicais que devem ser criminalizados e que, portanto, devem ser silenciados; os pobres, grande maioria de nosso país, continuam marginalizados no que se refere ao acesso à educação, saúde e políticas públicas efetivas; cresce o número de pessoas, desamparadas, de todo e qualquer programa social, tentando sobreviver nas ruas; os negros e os indígenas, povos originários, são ainda objeto de estudos e não sujeitos da história. **Todo o projeto ou programa de extensão que desejarmos viabilizar deve ter um olhar atento para esta realidade sob**

pena de se distanciar dos princípios e diretrizes da extensão universitária. Importante considerar que as universidades possuem um destacado papel em sociedades como a nossa, onde impera a diversidade e que, por esta razão, temos que estar atentos para que estas instituições não se configurem em um espaço que faz crescer a desigualdade, que investe nas ações individuais sem atentar para o coletivo, o que agrava o desrespeito aos direitos humanos. É necessário desenvolver a inquietude dentro da extensão universitária. E, neste aspecto, significa prospectar metodologias participativas que permitam as devolutivas aos envolvidos e avaliações dos participantes.

[Sumaya] Sobre os autores extensionistas contemporâneos, indicaria alguns nomes?

[Sandra de Deus] Sou suspeita porque são muitos os companheiros que se debruçam sobre o tema especificamente e, tantos outros, que tratam de temas que são importantes para a extensão universitária. Vou arriscar e apontar o Oscar Jara, Humberto Tommasino e Agustin Cano.

[Sumaya] Quais são os desafios da extensão brasileira, para o tempo presente e futuro, e como a senhora acredita que podemos abordá-los?

[Sandra de Deus] Diante dos tensionamentos que encontramos no interior das universidades, se soma a demora que temos para compreender com quem e para quem falamos, por quem produzidos, com quem produzimos, com quem trocamos conhecimento, que é

fruto também da estrutura de acomodamento diante de um sistema consolidado e resistente às mudanças. É bem verdade que a extensão universitária, se assenta sobre a ideia de compromisso social das universidades em relação ao seu entorno social, político e cultural, o que já gera tensão proposital ou instrumentalizada entre os atos de politizar e partidarizar. **Também é verdade que este compromisso não pode ser expresso só através da extensão universitária e, permitir que as outras funções da universidade fiquem alheias aos conflitos reais da sociedade, que se refletem desde as políticas de acesso passando pelos currículos e chegando nas pesquisas.** Tensionamento interno e externo. A disputa interna, encoberta em determinadas situações em nome de um consenso, também acaba sendo maléfica para o surgimento dos novos atores e consolida a manutenção de forças hegemônicas instaladas nas universidades. **Há, porém, um viés recorrente na formação universitária enquanto local de produção de conhecimento, a visão de que o único conhecimento que tem valor é aquele produzido no interior das instituições de educação superior.** É esta distorção que afasta os estudantes da extensão onde as atividades são mais complexas e exigem um olhar para o «outro». A complexidade é fruto desta presença de um “Outro” não passivo e que tem o que dizer. A resposta está na maneira que a universidade adota para enfrentar os novos desafios provenientes de sua relação com a sociedade e de sua própria constituição, muito particularmente a partir da implantação das ações afirmativas que passam a modificar a realidade dos câmpus. Para quem tenta colocar uma lupa para identificar essa situação encontra a disputa entre concepções de universidade o que exige trocas que fazem surgir o conhecimento fruto ora do diálogo e

ora da disputa, das tensões que envolvem a universidade como parte da sociedade, mas que precisa ter uma escuta que reconheça as diferenças.

[Sumaya] Em seu e-book ([clique aqui](#)) há uma passagem que diz “A Extensão Universitária está no preceito constitucional que definiu o “princípio da indissociabilidade” entre Ensino, Pesquisa e Extensão (Artigo 207 da Constituição Brasileira), mas ainda é vista como uma “terceira via” ou “filha pobre” dentro das universidades brasileiras [...] Há sempre uma citação sobre as pesquisas de nível internacional realizadas nos laboratórios e programas de pós-graduação, mas, quando se trata da Extensão, surgem as interrogações: o que é mesmo? Para que serve? O quanto se investe? A verdade é que, não tendo clareza da natureza da Extensão dentro da própria instituição, fica difícil dizer para que serve — e mais complexo ainda é garantir um percentual de recursos para o seu desenvolvimento na matriz orçamentária das universidades”. Esse trecho reflete bem a situação de muitas Instituições de Ensino Superior no País. O que a senhora, após todos esses anos dedicados à extensão, vê como possibilidades para superação desses desafios?

[Sandra de Deus] *Um imenso e quase intransponível desafio é a compreensão, por parte de gestores universitários e governantes, de que a extensão universitária não é uma tarefa menor da universidade. Como não é um “fazer enquadrado” através do qual encontramos imediatamente o resultado, a extensão universitária se descola do discurso fácil e das estatísticas, dificultando*

assim a sua compreensão dentro da visão vertical da universidade. Não é informado os números de quantas pessoas foram atendidas em uma atividade de extensão que se reconhece o impacto da atividade. Por apresentar as mazelas e as riquezas da instituição universitária, cujo capital é a geração de um conhecimento capaz de dar conta do bem viver da sociedade, a extensão universitária impede que se esconda a realidade de que só números não são suficientes para transformar a vida em determinados territórios. Como são muitas as atribuições da extensão universitária, também são muitos os “fazeres” da universidade que são alocados na extensão embora alguns não tenham nenhum atributo extensionista. Aqui reside um bom debate para separar o que é simples prestação de serviço, que as universidades por competência podem realizar, e o que é extensão universitária que implica em formação, que exige, portanto, a presença de orientadores, sociedade e estudantes.